

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO ENSINO E  
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA  
AS FACES DA VIOLÊNCIA COMO INDISCIPLINA NA (DA) ESCOLA  
DESAFIOS AO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.**

**FERNANDA ALENCAR MOREIRA**

**FORTALEZA-CEARÁ**

**2003**

**FERNANDA ALENCAR MOREIRA**

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA  
AS FACES DA VIOLÊNCIA COMO INDISCIPLINA NA (DA) ESCOLA  
DESAFIOS AO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do grau de Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem.

**FORTALEZA**

**2003**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial à obtenção do título de Especialista Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da ética científica.

---

Fernanda Alencar Moreira

Monografia aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Neide Fernandes Monteiro Veras - MS.

Orientadora

## AGRADECIMENTOS

À minha família e a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste curso. Em especial, a todos que estiveram sempre do meu lado nesta longa jornada.

## **DEDICATÓRIA**

- A Deus pelo dom da vida e pela vontade de continuar buscando vitórias.
- De maneira especial à minha família, pela força que me deram durante minha vida.
- E ao meu marido, Paulo Roberto, pelo companheirismo, dedicação e paciência diante das horas subtraídas do nosso convívio, a ti todo meu amor.

*... e como eu não chorava, ele batia mais, e foi batendo, primeiro com a correia, depois com as mãos e depois com os pés ... Por dentro eu chorava lágrimas frias e muitas ... eu queria chorar um século se preciso, mas não ali naquela hora, diante daquele homem que dizia ser meu pai.*

Luiz Fernando Emediato

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>08</b>
<b>1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INSTITUCIONAL ..</b>	<b>09</b>
1.1 Justificativa .....	09
1.2 Delimitação do Problema .....	10
1.3 Questão a Investigar .....	11
1.4 Objetivos .....	11
1.4.1 Geral .....	11
1.4.2 Específicos .....	11
<b>2 METODOLOGIA: DESVELANDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR .....</b>	<b>13</b>
2.1 Métodos e Procedimentos da Pesquisa .....	13
2.2 Área de Execução da Pesquisa .....	13
<b>3 A VIOLÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES .....</b>	<b>15</b>
3.1 Violência: conceitos e definições .....	15
3.2 A Psicologia da Violência .....	17
<b>4 VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA: CONTRADIÇÕES DO SISTEMA ESCOLAR .....</b>	<b>20</b>
4.1 A Violência na Perspectiva Escolar .....	20
4.2 O Papel da Educação e da Escola .....	25
4.3 A Visão de Violência Diferenciada na Escola .....	26
4.4 A Violência e a Pré-Escola .....	28
4.5 A Escola e os Meios de Comunicação: Combate ou Reforço à Violência? ...	29
4.6 O Porquê da Violência? .....	31
4.7 Distúrbio X Indisciplina .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>43</b>

## RESUMO

Paradoxalmente a escola ainda vive, nos dias de hoje, uma das antigas práticas adotadas para educar: o medo e a violência. Tida como uma das mazelas responsáveis pelo alargamento da crise social vigente, desde o final da década de 90, a violência tem encontrado diversos palcos para atuar, e o mais incrível destes, é a própria escola. Com suas estruturas antigas e por que não dizer, medievais de manutenção e controle do poder, a escola ainda se encontra a serviço de uma elite dominante, apenas preocupada em manter a antiga relação de explorador- explorado na sociedade, encarando a educação como produto de mais valia. O estudo e o entendimento das formas de expressão do ser humano, psicanaliticamente falando, estão intrinsecamente ligados à compreensão de como e por que ocorre a violência na escola. Há de se questionar não só os papéis, mas também as funções daqueles, que da escola fazem parte, a fim de se averiguar as medidas que permitiriam minimizar os efeitos da indisciplina, tentando criar novas condições na formação de vínculo e na melhoria das condições de trabalho para os professores e para o aprendizado dos alunos. Será feita também uma diferenciação entre distúrbios específicos de aprendizagem e indisciplina, tentando desmistificar a idéia de que todo aluno , indisciplinado é desinteressado pelos estudos. O questionamento se processa desde a pré-escola, local de fermentação dos primeiros contatos sociais fora do ambiente familiar da criança, até ao ensino fundamental e médio, em que se observam, friamente, os resultados de um crescente e constante contato com situações de desequilíbrio familiar, onde as práticas usadas chegam a aterrorizar aquelas que, pela escola passam e dela fazem parte.



## 1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INSTITUCIONAL

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Resultado da constante ação de desagregação da família, reforçada nas crianças e amplamente verificada nas escolas, a violência tem se tornado um dos fatores mais preocupantes e capazes de interferir no processo de assimilação e aprendizagem dos conteúdos escolares nos alunos.

A ação dos mecanismos da violência tem atuado de forma consciente e/ou inconsciente no cotidiano das pessoas, de tal modo, que a escola passa também, a representar um local de desconforto e desconfiança social, tanto na perspectiva da instituição como na visão dos alunos e professores que dela fazem parte.

Posta em *cheque*, cabe a escola, a mudança de postura frente a essa temática, ensejando compreender como a violência ocorre, suas principais causas e efeitos e as maneiras necessárias de trabalhar com os alunos, no âmbito educacional, no intuito de minimizar ou extinguir seus efeitos.

Inúmeros são os fatores capazes de gerar a violência na escola. Dentre eles citam-se: a exclusão, a pobreza, a desagregação e o desajuste familiar. Tem-se a intenção de discutir neste trabalho a real necessidade do educando nestas condições especiais de aprendizagem, e o efeito negativo do contato constante com um meio caótico, na continuidade das relações entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-família, para que possa ocorrer um

aprendizado significativo e atuante na vida social das comunidades em que foi verificado esse fenômeno.

O professor é o profissional da educação que pode atuar de modo significativo com o seu aluno, posto que o contato sucessivo entre estes possibilita não só a identificação, mas também o controle destas condutas através do gerenciamento do ambiente de sala, impondo limites e permitindo o resgate da auto-estima desses alunos.

Assim, pretende-se além da discussão do tema, demonstrar como o surgimento de uma ponte de ligação e ajuda mútua entre professor, orientadores, alunos e a família para que a função da escola possa ser notada na própria conduta do aluno, enquanto aprendiz e cidadão em processo de formação.

Foi, a partir da análise da violência em um contexto mais amplo, que se procurou investigar neste trabalho algumas representações que os sujeitos que produzem a prática escolar, têm sobre a violência, como esta se reproduz no interior da escola, a sua relação com o processo ensino-aprendizagem e algumas alternativas para tratar com este tipo de violência.

Para isso foram realizadas conversas com a comunidade escolar, questionando com alunos e professores, bem como os demais profissionais da escola, a idéia de violência que cada um tinha.

## **1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Como se apresenta a violência no interior da escola, averiguando quais são os seus reflexos no processo ensino-aprendizagem.

### **1.3 QUESTÕES A INVESTIGAR**

- Quais os conceitos e definições de violência?
- Como se processa a violência no interior da escola?
- Qual o papel da educação frente a estes novos desafios?
- A escola e os meios de comunicação- Combate ou reforço à violência?
- Por que se torna necessário à participação de todos que fazem parte da comunidade escolar para a discussão da violência?
- Por que é importante a compreensão da história de vida de cada educando?
- Como os profissionais da educação estão sendo preparados para perceber as particularidades de cada educando?

### **1.4 OBJETIVOS**

#### **1.4.1 Geral**

Analisar como se processa a violência na escola, os limites e desafios do planejamento educacional e dos profissionais da educação frente a esta problemática.

#### **1.4.2 Específicos**

- Conceituar e definir violência.
- Identificar as causas e conseqüências da violência na escola.
- Analisar a educação frente aos novos desafios.

- Explicar a relação entre escola e os meios de comunicação, ressaltando se há combate ou reforço à violência.
- Relatar porque é necessário a participação da comunidade escolar para a discussão da violência.
- Demonstrar a importância da compreensão da história de vida dos educandos, com vista à compreensão de seus comportamentos.
- Explicitar como ocorrem os reflexos da violência no processo ensino-aprendizagem.
- Descrever como os profissionais da educação estão sendo preparados para perceber as particularidades de cada educando.

## **2 METODOLOGIA: DESVELANDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR**

### **2.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA**

Buscando esclarecer os conceitos de violência em suas diversas vertentes, a primeira parte do trabalho será destinada à revisão literária pertinente ao tema, apresentando teorias que explicam o surgimento do ato violento suas causas e conseqüências no cotidiano da escola e no processo de aprendizagem. Sendo assim, nesta primeira etapa será debatido o papel da educação e da escola neste contexto social.

A segunda parte apresentará uma análise da violência na perspectiva escolar, apresentando uma análise crítica dos depoimentos de professores e alunos da comunidade escolar.

### **2.2 ÁREA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA**

Visando a obtenção de dados que norteassem e explicitassem o posicionamento e a visão que alunos, professores e diretores de escola têm, sobre a violência na escola, foi realizado um trabalho de campo, no qual pôde-se aplicar um questionário aberto.

A investigação foi feita coletando depoimentos de alunos e professores de escolas particulares e públicas, que atuam no Ensino Fundamental e Médio em Fortaleza – CE.

A pesquisa foi realizada nas próprias escolas, no horário do intervalo, nos períodos diurno e noturno, entre os dias 02 e 04 de fevereiro do ano vigente. Aos entrevistados, havia sido fornecido um questionário (apêndice), constando questões que propiciaram informações gerais e um conjunto de cinco perguntas, abertas, no intuito de verificar a opinião destes em relação ao temas da pesquisa e assuntos correlacionados.

Após o pré-enchimento dos questionários, o pesquisador recolheu o objeto de coleta de dados da pesquisa. Os dados obtidos foram expostos no decorrer da discussão do tema. Baseado nas informações coletadas, foi feita uma leitura da situação da violência na escola, seu grau de tolerância e suas definições, por parte daqueles que fazem parte da escola bem como as conseqüências dentro do processo ensino-aprendizagem.

### 3 VIOLÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES

#### 3.1 VIOLÊNCIA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES:

Segundo Guimarães,

*Se verificarmos os sentidos que a língua portuguesa reserva para os conceitos de indisciplina, disciplina e violência, encontraremos algumas definições, tais como: 'todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião' constituir-se-ia em indisciplina( 1998. p.172)*

Guimarães (op. cit. p.173) afirma ainda que a disciplina enquanto *regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.)*, implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas. Já a *violência*, por sua vez, seria caracterizada por *qualquer ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral* (p.173).

Para Pereira (1998) o conceito de indisciplina

*é susceptível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é em princípio alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada em termos escolares e sociais.(1998 p.45)*

Estes desvios são todavia denominados de forma diferente conforme se refira a alunos e professores. Os primeiros são chamados de indisciplinados, os segundos de incompetentes.

Indisciplina ou violência? A indisciplina pode implicar violência, mas não é necessário que esta ocorra. É neste sentido que os dois distinguem vários níveis de indisciplina, tais como: (Pereira,1998)

- Perturbação pontual que afeta o funcionamento das aulas ou mesmo das instituições de ensino.

- Conflitos que afetam as relações formais e informais entre os alunos, que podem atingir alguma agressividade e violência, envolvendo por vezes, ações de extorsão, violência física ou verbal, roubo, vandalismo, etc.

- Conflitos que afetam a relação entre professor-aluno, e que em geral colocam em causa a autoridade e o estatuto do professor.

- Vandalismo contra a instituição escolar, que muitas vezes procura atingir tudo aquilo que ela significa.

Para Pereira (1998) esta hierarquia tem sido contestada, na medida que conduz à naturalização das formas mais elementares de indisciplina (as perturbações), assumindo-as como inevitáveis. A idéia que acaba por passar é que só se coloca o problema da indisciplina quando existem agressões a colegas ou professores, e a destruição ou roubo de escolas, etc.

Contudo, a violência mascarada sobre a forma de indisciplina pode ter outras formas de representação na escola, como a reprovação, a formação de estigmas, a evasão, a falta de oportunidades para se dar continuidade aos estudos, entre outras.



### 3.2 A PSICOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Freud (1985), entre outras coisas, descobriu que existe um tipo de delinqüência que denominou delinqüência por sentimento de culpa. Via de conseqüência, a violência também pode ser uma violência responsiva à culpa.

Inconscientemente, a criança faz determinados atos agressivos, violentos, para receber o castigo por aquele sentimento inadequado que teve na infância. Ao receber o castigo, a criança ou o adolescente, e mesmo o adulto, expiam, aplacam aquela culpa inconsciente.

É nesse sentido que muitas vezes se ouve dizer que o melhor auxiliar da polícia é o superego, instância psíquica onde radica a noção de lei, transgressão e culpa. É freqüente ouvir histórias de pessoas que praticam condutas anti-sociais e mesmo francamente delinqüentes, através, por exemplo, de um crime, que julga quase perfeito. Não obstante, sem saber porquê, comete um erro fatal.

É algo inconsciente, um ato falho, um lapso, um esquecimento, através do qual o criminoso *perfeito* deixa pistas evidentes para a polícia que, ao descobri-lo, permite, através da punição, a expiação da culpa inconsciente.

*Tais fatos passam despercebidos pelo consciente justamente porque possuem uma natureza inconsciente, estando, assim, presididos por uma outra lógica, atemporal.*(Freud, 1985. p. 89) .

A pessoa se entregou sem querer, quando, no fundo, andava a procura de um castigo ainda cuja origem é desconhecida pelo consciente, mas registrado, gravado no plano inconsciente.

A teoria freudiana é criticada em inúmeros aspectos, mas continua a ser ainda hoje o marco referencial teórico mais expressivo da vertente psicológica. Alguns autores como Winnicott (1969) e Pichon-Rivière (2002) mostram que a violência decorre de um prejuízo nos vínculos e nas

relações precoces da criança e que, todos os seres humanos, tem uma tendência inata à vinculação.

Quando essa vinculação é rompida, preenche-se essa ruptura, essa fratura, esse espaço vazio, através de atos violentos. Essa é a chamada do vínculo, que vem dizer que a violência, sobretudo nas crianças e adolescentes, constitui principalmente um grito de socorro.

O principal representante dessa corrente é Winnicott (op. cit.), que acredita na idéia de que a violência é sempre um sinal de esperança. *Quando alguém pratica um ato violento, é porque está querendo dizer alguma coisa com esse ato violento, que vai além do ato violento (Winnicott, 1969. p.132).*

Portanto, deve-se perguntar o quê, verdadeiramente, se está buscando, por detrás do ato violento.

Os atos violentos são uma forma de esconder a tristeza, pois parece que se esquece que poder estar triste é uma condição essencialmente humana.

Quando não se consegue dizer, sentir, que se sente triste, se agride pratica-se um ato, uma conduta, para esconder e ao mesmo tempo revelar a tristeza. Assim, se pode perceber que a criança não é anti-social, mas simplesmente pratica um ato violento na busca de reconhecimento de sua tristeza, de sua falta. Isso é um chamado, um grito de socorro, que professores e diretores de escola, pais e sociedade ignoram a todo o momento.

Pichon-Rivière, (2002) em sua obra *Teoria do Vínculo*, afirma que *na relação de objeto esta relacionada toda a personalidade, com seu aparelho psíquico, com suas estruturas, com os dois instintos básicos descritos por Freud: a libido e agressão, Eros e Tanatos (2002 p.146).*

Entretanto, a contribuição mais importante e ao mesmo tempo mais atual, que estaria mesmo pedindo que fosse melhor estudada, - é a teoria de Sheneewind Bion (1988) ao ressaltar que:

*A agressão e a violência aparecem na conduta, são os olhos da conduta, mas ela não nasce na conduta, apenas aparece na conduta. Ela nasce - e agora prestem atenção - ela nasce no pensamento.(...) os atos violentos, que aparecem na conduta, são uma incapacidade que o sujeito tem de simbolizar os seus desejos hostis e agressivos. (p.176.)*

Como a pessoa não consegue abstrair, não consegue simbolizar, não consegue imaginar, só lhe resta concretizar, expressando na conduta as suas dificuldades emocionais.

Então, existe a possibilidade de que estudar o fenômeno da sociedade *criminosa*, criando instituições perversas e gerando, também, pessoas perversas e a escola claramente é uma delas.

Aí não se está mais olhando para dentro da pessoa, mas para dentro da sociedade.

## 4 VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA: CONTRADIÇÕES DO SISTEMA ESCOLAR

### 4.1 A VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA ESCOLAR

Definida como um abuso de força é a ação violenta que conduz o outro contra sua própria vontade. A violência na escola não é vista de forma tão diferente, se for comparada com a mesma intensidade em que ocorrem nos outros âmbitos de nossa sociedade. Por fazer parte dessa sociedade na qual vivemos, a escola é palco de conflitos sociais e econômicos provocados por vários fatores .

Ao investigar as causas da violência, se evidenciam que os fatores que a determinam primordialmente, são o desemprego, a baixa renda, a escolaridade, a religião e a desestruturação familiar, entre outros.

Esta idéia sobre os motivos que provocam a violência é comentada por Spósito (1994), ao enfatizar que são várias as explicações que têm sido utilizadas sobre o fenômeno da violência. Uma delas é determinada nos aspectos sociais e econômicos: *grande parte das interpretações busca explicar o aumento da violência urbana e escolar (juvenil), com base nos determinantes sociais; e no caso do Brasil, na crise social e econômica* (p. 118).

Mas para esta autora, essa violência, é ao mesmo tempo o produto das condições estabelecidas e por um conjunto de experiências e

finalidades produzidas pelos sujeitos do ato de violentar, porém que não estão previamente determinados a priori, e a violência social e dos jovens carentes se inserem também no quadro das crises de ação coletiva. Deste modo, somos levados a encarar que o próprio autor do ato violento também é vítima de um conjunto de determinantes sociais.

Esta quantidade de fatores torna a problemática da violência muito mais difícil de ser combatida e estudada, uma vez que, pela sua complexidade, requer definição e implementação de políticas públicas e sociais nas áreas básicas, destinadas ao atendimento de todos os cidadãos.

Mas no Ceará, e de modo mais abrangente, no Brasil, o que se tem assistido, além da ausência de políticas nesta direção, é a vivência de práticas sistemáticas de violência e de violação de direitos praticadas pelo próprio Estado, quando, por exemplo, não garante aos cidadãos os direitos que lhes são assegurados, constitucionalmente, há várias décadas, como é o caso do direito à educação.

Por mais que se baseie na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei nº.9394/96, em que teoricamente se tem garantido uma série de direitos e deveres ao cidadão e aos estados, respectivamente, na prática, antigas violações e politicagens, ainda acontecem.

Em relação à educação especificamente, os paradigmas da repetência e da evasão vêm assolando o sistema escolar, há várias décadas, numa demonstração de que o Estado, além de não ter garantido a universalização da escola pública para todos os cidadãos, também não tem conseguido garantir aos que nela ingressam a sua permanência com qualidade. Este é apenas um reflexo do nível de violência na escola.

Assim, para os alunos, a violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas, conforme as falas: *violentar é romper a liberdade e os direitos do cidadão. É alguém que passa dos limites e invade a privacidade do outro. É a*

*falta de solidariedade e o desrespeito aos direitos dos humanos. É a agressão física, psicológica, sexual e moral (André Vieira aluno da 2ª série do ensino médio).*

Enquanto que para os demais profissionais, diretores, coordenadores pedagógicos e professores, a percepção que estes apresentam, com mais frequência, é da violência, enquanto desobediência das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão:

*Violência é ir contra o direito do outro, o direito de viver, de trabalhar. É a desobediência das leis em todos os sentidos. É a fome, o preconceito, o autoritarismo, é a perda da dignidade (João Gutemberg, professor do ensino Médio)*

Outra visão que não se poderia deixar de lado sobre a violência na escola se resume às condições precárias de trabalho e de salários destacados pelos professores como atitudes de desrespeito por parte dos governos.

É muito freqüente também a associação que os professores e alunos fazem entre as causas da violência e as condições sociais, tais como a desigualdade social, a falta de emprego, a falta de educação - estão bastante enfatizadas -, os problemas familiares (alcoolismo, abandono, etc.) e a influência dos meios de comunicação.

Um dado interessante a destacar com relação à explicação da violência é a importância que os alunos dão aos filmes e aos programas violentos da televisão. Inclusive, este é um aspecto muito mais enfatizado pelos alunos do que pelos professores.

Com relação à mídia, tanto alunos como professores fazem uma associação da violência com a liberação da censura pela televisão. Estes acreditam que as pessoas *copiam* os programas, a ponto de determinadas

atitudes virarem moda entre as crianças e os jovens. Portanto, defendem a necessidade de que haja um disciplinamento.

Na visão da maioria dos alunos, a sociedade está corrompida nos seus valores éticos e morais e a escola também é afetada por este tipo de corrupção.

Como se pode perceber, há uma diversidade de conceitos e de entendimentos sobre a violência no quadro daqueles que freqüentam a escola. Mas, a definição de violência não é uma tarefa fácil, até porque, na própria teoria da violência, não se encontra resposta satisfatória, no sentido de contemplar todas as variáveis que contribuem ou interferem para a prática da violência.

Com relação à violência praticada no interior da escola, ou seja, a violência que se efetiva na prática cotidiana e nas relações sociais do ambiente escolar, no Brasil, ainda são poucos os estudos que têm focalizado esta problemática.

Autores como Spósito (1994); Whiataker (1994); Fukui (apud Whiataker, 1994); Colombier (1989); Mangel (apud Whitaker, 1994) e Perdriault (apud Whitaker, 1994), procuram analisar a indisciplina a partir de questões mais relacionadas à violência enquanto representação simbólica, à segurança da escola e, principalmente, sobre depredação e deteriorização do patrimônio escolar.

Embora, não se tenha a preocupação de aprofundar estas questões, a concepção de Spósito (1994) sobre as relações entre violência coletiva, os jovens e a educação, chamou a atenção e vêm referendar alguns aspectos que aparecem nos olhares da comunidade escolar.

Um fator interessante e que pode ser demonstrado é que entre os prédios públicos que são alvos de depredações, as escolas são as mais escolhidas pela população, cujos autores são crianças, jovens e adolescentes moradores dos bairros.

Acredita-se que a violência, praticada em relação ao patrimônio público, está muito relacionada à falta de conscientização da população sobre o significado do que é público, tendo em vista a forma como as instituições, geralmente, aparecem para os seus usuários.

Falar-se na função social, neste contexto, seria sobre-humano. É difícil para estes jovens lhe dar com o fato de que seus próprios pais os agredem, quanto mais esperar que estes mesmos jovens compreendam sua função, dentro de um contexto maior do mundo fora de suas casas.

Para a maioria daqueles que freqüentam a escola, a instituição pública tem muito mais uma feição de empresa privada, cujos administradores, são os que estabelecem normas e regras de uso e dos direitos do que um patrimônio que pertence aos cidadãos, em que todos são usuários.

Segundo Spósito (1994),

*Esta forma de privatização da instituição provoca, na maioria das vezes, reações agressivas da população, pois, ao agredir o patrimônio público, o usuário materializa a sua insatisfação em relação aos serviços prestados e aos seus administradores (p.146)*

No caso da escola, é possível que este tipo de violência se manifeste como uma forma de protesto escolar e também como expressão de crítica da população aos serviços prestados, à impossibilidade do uso de suas dependências para recreação, - quando na maioria das vezes nas comunidades, a escola é um dos poucos espaços que se presta a este tipo de atividades -, ou até mesmo, como forma de revide em relação às agressões vividas no cotidiano da escola (Spósito, 1994).

Esta posição de certa forma é confirmada nas respostas dos alunos. Ao se perguntar se eles percebem violência no âmbito escolar e, em caso positivo, de que forma esta violência se manifesta, a resposta unânime foi: *a escola é um espaço de violência.*



E as razões apresentadas foram surpreendentes, uma vez que algumas atitudes, desenvolvidas entre professor/aluno e entre os alunos, não chegam a ser percebidas como atitudes violentas, como por exemplo: falta de diálogo entre os alunos, entre professores e alunos, falta de companheirismo, falta de educação doméstica, mas especialmente, pelo desrespeito dos professores para com os alunos, manifestado, muitas vezes, através do uso indevido dos meios de avaliação como instrumentos coercitivos de controle da disciplina.

Estas práticas vêm ratificar que a cultura da reprovação, na escola, tem raízes muito fortes e tem contribuído muito mais para desmotivar e excluir o aluno do aparelho escolar do que como fonte de diagnóstico para a melhoria da sua aprendizagem e do trabalho do professor.

*Assim, sem desconsiderar as questões estruturais mais amplas, pode-se afirmar que a produção do fracasso escolar também tem origem no interior da escola, e um dos seus focos é a não adequação da proposta de ensino à clientela (Secretaria de Educação do Ceará, 1998, p.8),*

Entende-se, assim que é um das formas simbólicas de violação dos direitos do aluno quanto ao seu direito de aprender.

É preciso que se trabalhe um novo formato de prática pedagógica, em que a escola passe a ser, de fato, local de aprendizagem, de uma nova cultura, a da aprovação e da formação da cidadania, sendo a mesma entendida, como a materialização dos direitos sociais a todos os cidadãos.

## **4.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA**

Segundo Silva (1998),

*educação é um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação do indivíduo, que se dá na relação entre os indivíduos e entre estes e a natureza, a escola é, portanto, o local*

*privilegiado dessa formação, porque trabalha com o conhecimento, com valores, atitudes e a formação de hábitos (p.75).*

Dependendo da concepção e da direção que a escola venha assumir, esta poderá ser local de violação de direitos ou de respeito e de busca pela materialização dos direitos de todos os cidadãos, ou seja, de construção da cidadania.

Para que o processo de formação na escola possa acontecer, é necessário que os indivíduos possam ser tratados com dignidade, sendo respeitadas as diferenças, reconhecendo as qualidades individuais; fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; trabalhar a problemática da violência e dos direitos humanos, a partir do processo de conscientização permanente, relacionando esses conteúdos ao currículo escolar; incentivar comportamentos de trocas, de solidariedade e de diálogos..

Para Candau (1995), *a escola seja um espaço onde se formam as crianças e os jovens para serem construtores ativos da sociedade na qual vivem e exercem sua cidadania (p. 73).*

Sime (apud.Freud,1985) chama a atenção no sentido de que esta proposta educativa deve ter como eixo central à vida cotidiana. Necessita-se

*de uma pedagogia da indignação e não da resignação. Não queremos formar seres insensíveis e sim seres capazes de se indignar, de se escandalizar diante de toda forma de violência, de humilhação. A atividade educativa deve ser espaço onde expressamos e partilhamos esta indignação através de sentimentos de rebeldia pelo que está acontecendo (p.76).*

### **4.3 A VISÃO DE VIOLÊNCIA DIFERENCIADA NA ESCOLA**

Ao se aproximar das questões que permeiam mais diretamente as relações na escola, percebe-se que existe uma diferença significativa entre a

forma como os professores, coordenadores pedagógicos e diretores percebem a violência e a percepção dos alunos.

Para os educadores, a violência se evidencia, de forma mais clara, na relação entre os alunos. Estes é que são violentos e geralmente os educadores não se percebem promovendo atitudes de violência para com os alunos. É como se os professores, diretores e coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas violentas.

Na visão dos professores, a direção das escolas, em geral, é promotora de violência, que se manifesta sob a forma de comportamentos autoritários, de poder e de superioridade. É a predominância da cultura da privatização do espaço público, ainda muito arraigada, onde os dirigentes se colocam muitas vezes como os *donos* das instituições e, conseqüentemente, os detentores do poder e das tomadas de decisões.

Em relação ao grupo de professores, é visível a existência de uma relação mais amistosa, mais cooperativa e também corporativista, com melhor entrosamento entre eles.

No entanto, os alunos destacam que a relação entre professor e aluno nem sempre é boa, por falta de compreensão e respeito entre os mesmos: *há professores que não se dão a respeito na classe. Em geral, não há muito respeito, por falta de respeito à idéia do outro* (Ana Paula, aluna do 2º ano do Ensino Médio).

Esta questão demonstra que o conceito de autoridade está passando por profundas transformações, devido, principalmente, ao crescente processo de democratização, vivenciado na sociedade brasileira, onde a *idéia clássica de autoridade, originária da relação de pai para filho, de professor com o aluno, como modelo para explicação e o entendimento da autoridade política sofreu profundas alterações nas últimas décadas* (Barreto, 1996).

Esta crise de autoridade, cujas bases está na relação familiar, vem perpassando o conjunto das relações nas diferentes instituições da

sociedade, repercutindo de forma direta na escola, a ponto de alguns professores por não saberem enfrentar este desafio decidirem abandonar a profissão.

Nota-se apenas nas falas dos sujeitos da escola, que não se tenta procurar uma forma de minimizar a violência e seus efeitos, e que a procura maior, é de alguém que seja culpado, um depositário, *bode expiatório*.

Outra causa aponta que a questão da indisciplina, se dá por que a escola parou no tempo e não incorporou no seu cotidiano novas tecnologias e conteúdos a que os alunos têm tido acesso.

Os alunos reivindicam aulas mais dinâmicas, mais criativas e com mais novidades, mas a prática desenvolvida na maioria das escolas está calcada na aula expositiva e o uso do giz e lousa.

#### **4.4 A VIOLÊNCIA E A PRÉ-ESCOLA**

Já que se falou da violência, de algumas de suas causas, acredita-se que não se pode deixar de analisar a própria temática nos primeiros anos de contato da criança com a escola. É comum constatar-se com crianças pré-escolares, o emprego de situações em que a ameaça de perda de afeto aparece com frequência nas mensagens dos professores, obrigando-as a agir de forma a tentar resgatar o afeto, ou mesmo garanti-lo.

Outro aspecto relacionado pode ser notado no momento em que as crianças, reunidas em sala de aula, realizaram uma tarefa padronizada, preparada em xerox ou mimeografada. As possibilidades são rejeitadas e, o poder de criação, é desconsiderado.

O emprego de rótulos pelo professor entre seus alunos também pode ser percebido como uma prática que conduz à discriminação, como por exemplo:, princesa, fadinha, príncipe, furacão, etc.

Estes rótulos são atribuídos de acordo com o comportamento da criança em relação ao professor, quando este se chateia ou encanta com seu aluno.

A prática de algumas escolas no estado do Ceará, em que são mantidas salas especiais também pode ser entendida como um ato de violência em relação aos alunos. Cria-se um estigma, naqueles que dela fazem parte, *são os CDFs, os crânios*, relegando aos outros alunos o título de alunos normais ou ainda comuns. E qual seriam as desvantagens de ser um aluno comum?

Golleman (1999) em sua obra *Inteligência Emocional*, afirma que a maior parte dos alunos com o Q.I elevado e o aluno de altas habilidades são fracassados quando adultos, ou ainda chegam a ter um sucesso não condizente com seu aprendizado. Fato que não poderia acontecer na escola .

A formação do vínculo nos primeiros dias de contato com a escola, em alguns casos contribui para o surgimento da primeira visão de violência fora de casa. É comum, em creches não se fazer a adaptação na frente dos pais. Quando a criança menos espera, seus pais somem e ela se vê num mundo hostil, desprotegida e angustiada. O que se poderia esperar de tais práticas, senão a violação dos direitos básicos de segurança e atenção especial.

#### **4.5 A ESCOLA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: COMBATE OU REFORÇO À VIOLÊNCIA?**

Qualquer novidade no campo da comunicação, especialmente na área de entretenimento de massa, desperta, automaticamente uma suspeita sobre a real função de um programa de desenhos animados com Tom e Jerry ou Frajola e Piu-piu, ou ainda programas como Ratinho. O que falar então dos Pokemons ou Digimons?

Segundo Levisky (1997), a mídia tem um importante papel na construção da cultura da violência. *A banalização da violência legítima a violência física como forma de solução de conflitos, como valor, um padrão de comportamento a ser incorporado – valor de afirmação.* (p.123)

Desde os primórdios do uso da televisão, especificamente, como meio de entreter as famílias, seus programas são carregados de uma representatividade, refletora da ação de mecanismos inconscientes e pré-conscientes daqueles que os criam.

A problemática existe no momento em que se percebe que a criança de um modo geral, copia o modelo que esta mais evidente em sua volta, reforçando-o, internalizando-o, e que posteriormente fará uso dele como uma forma de se expressar.

É justamente esta forma de expressão que as crianças tem acesso mais diário em casa, e por conseguinte a possibilidade de sonhar, de fantasiar, imaginar-se resolvendo problemas como os seus heróis.

Nos ambientes em que é difícil até mesmo respirar, e a realidade é frustrante e insuportável, as crianças sentem mais necessidade de fantasiar e sonhar.

O incrível, é que a criança passa a sonhar em conjunto com o adulto, uma vez que os desenhos, filmes e programas, de um modo geral, são a representação da necessidade de expressar uma frustração, um sentimento de culpa por parte desse mesmo adulto.

Caso se observe os desenhos de algumas crianças, na escola, se notará a quantidade de violência que é capaz de representar uma criança normal.

É necessário entender que a criança hoje, tanto na rede pública, como na rede particular de ensino, pouco tem a ver com a criança que nós ou nossos pais foram.

Elas perderam espaço físico para explorar e descobrir fatos e acontecimentos interessantes, perderam a idéia de família no sentido mais amplo, perderam grande parte do contato com a natureza, algumas trabalham , são exploradas pelos próprios pais, estando submetidas a pressões mais fortes, a um consumismo exagerado e são apressadas a se tornarem adultos precocemente.

#### **4.6 O PORQUÊ DA VIOLÊNCIA**

Segundo Flamer (1994): *a crise educacional seria reflexo de uma economia que transforma os valores morais e políticos em valores de mercado. O ser humano é reduzido a um número e todo o sistema educativo está voltado para a profissionalização do indivíduo na sociedade* (p. 89).

A crise se estabelece quando não existe mais lugar no mercado para todos e, quando o indivíduo *sem valor* se revolta contra esse *sistema* que o oprime e o transforma em trabalhador.

Para o referido autor a sociedade é percebida de uma maneira fragmentada. A era da informação teria difundido tantos valores e hábitos sociais que a sociedade teria perdido seu sentido de unidade moral e de valor. Nesse contexto, a educação está em crise permanente, seu objetivo se perde na diversidade.

Educar significaria preparar o cidadão ou manter seres humanos jovens durante um período do dia na escola? Ou seja, como não existe grande preocupação numa formação humanista, à escola apenas cabe adicionar informações ao aluno.

Contudo, esta abordagem trata o contexto cultural, o contexto escolar, minimizando os aspectos econômicos que tantas limitações impõe a transformação desta mesma realidade.

A análise da violência na escola deve considerar essas contribuições dentro de uma proposta pedagógica que fomente mudanças nos aspectos sociais e econômicos da nossa sociedade.

Para os sociólogos a ordem econômica, caracterizada pela tecnologia e pela globalização, nos impõe uma série de questões que não podem ser menosprezadas e nem mudadas em curto prazo.

Mas, o desenvolvimento de uma nova cultura poderia trazer mudanças no comportamento social e mudanças na economia, na direção de uma sociedade mais harmônica .

A sociedade moderna levou o indivíduo ao seu potencial máximo, mas ao fazê-lo consolidou uma ordem econômica que o transformou num número estatístico.

O espaço para a produção e reprodução de valores sociais tem diminuído em detrimento do almejado estilo moderno de vida baseado no consumo de bens e mercadorias. Em outras palavras, sofremos um processo de desumanização e crescente racionalização econômica,.

O jovem se agrega a seus iguais formando gangues e se rebelam na escola que é a porta de entrada dessa sociedade que eles ao mesmo tempo idolatram e repudiam.

A juventude vive o paradoxo de uma sociedade que oferece um horizonte ilimitado a ação humana mas lhe deixa sozinho diante das incertezas do cotidiano. Ele é altamente individualista e egoísta mas incapaz de exercitar sua individualidade sozinho – ele necessita do grupo.

Isso não significa que a violência seja justificável, mas não exime a sociedade da sua responsabilidade. Nesse sentido, não podemos resumir nosso mundo e nossa juventude a meras disfunções do mercado.

As relações de trabalho podem mudar, mas a base das relações humana continuará se forjando através da sociedade e da família. Por mais



fragmentada que seja a nossa sociedade, a respeito de valores, devemos resgatar aquilo que é comum e permanente, o relacionamento social.

Deste modo, teremos mais segurança e menos violência. Portanto, o processo pedagógico deveria dar maior destaque a matérias como relações humanas, psicologia e sociologia.

Segundo Silva, em sua obra, que retrata a violência como uma forma de expressão das sensações não entendidas pelos alunos, alguns princípios básicos devem ser seguidos, para que possam ser minimizados, seus sintomas.

Seguem-se:

- 1º) *Fazer um balanço e uma profunda reflexão, em todo o mundo, acerca da violência generalizada na família, na escola, no trânsito, nos esportes, na ecologia, no campo, na cidade e na sociedade.*
- 2º) *Instituir um dia universal de cada ano, para passar os nossos feitos negativos a limpo, refletir sobre os nossos defeitos que, quase sempre, engendram violências.*
- 3º) *Arrependermos de possuí-los e tomarmos atitudes sérias para emendarmos deles, combatê-los e erradicá-los, para o bem de nosso semelhante, da empatia da massa social, da austeridade, da solidariedade e da paz.*
- 4º) *Este Dia Universal da Paz já existe, é o Primeiro Dia de Cada Ano, mas poderia ser o dia da morte de Jesus Cristo, que foi a maior autoridade entre os seres humanos a posicionar radicalmente contra a violência e a favor da paz, tendo lutado incessantemente para instituir uma Cultura da Paz na Terra; entretanto, foi barbaramente vitimado pela injustiça e pela violência descomedida do ente humano.*
- 5º) *Incluir nos currículos escolares e programas de ensino, proposta de conscientização acerca da origem e conseqüência da violência entre*

*os seres humanos; estabelecendo atividades educativas, profiláticas, etc., para o enfrentamento e erradicação desta.*

- 6º) *6-Desenvolver ações integradas, no mundo inteiro, envolvendo a família, a escola, todos os segmentos sociais, as instituições sociais, etc., no sentido de encaminhar soluções de combate a todo tipo de violência.*
- 7º) *Conscientizar a todos, através das escolas e dos veículos de comunicação, acerca de que a violência é algo que diz respeito a todos nós, porquanto é fruto e desmembramento das condições sociais, econômicas e da perversa política de distribuição econômica do injusto regime capitalista, vigente em nosso país e no mundo.*
- 8º) *Conscientizar o educando para que possa identificar através da observação, a presença da violência no cotidiano, na família, no trabalho, no trânsito, nos esportes, na escola, em todas camadas sociais, na ecologia, em pessoas escolarizadas da mais alta formação intelectual, etc.*
- 9º) *Identificando preliminarmente, através da auto-observação, a violência existente em si mesmos, devido à presença do ego em cada um de nós.*
- 10º) *Levar o educando a conscientizar de que a violência é altamente disseminada através dos meios de comunicação de massa, de que é institucionalizados pelos sistemas político e econômico dominante, etc., e que, em consequência disto, a vida se torna mais difícil e complicada para todos nós; e de que a vida, enquanto valor holístico, divino, supremo, está se tornando cada vez mais desrespeitado e banalizado por esta Cultura da Violência que aí está.*
- 11º) *Ajudar o aprendiz a se conscientizar de que os laços de amizade genuínas, de cooperação, de solidariedade, o espírito comunitário e*

*o exercício de cidadania holística plena, estão desaparecendo do nicho ecológico do ente humano, por causa da hipertrofiação do ego, da violência generalizada e da banalização da vida.*

- 12º) *Conscientizar os estudantes acerca da perda dos valores, dos parâmetros éticos, morais e espirituais, entre os entes sociais componentes da massa humana e ajudar o alunado a desenvolver atitudes positivas, no sentido de reconquistar tais valores que foram perdidos (2002).*

#### **4.7 DISTÚRBO X INDISCIPLINA**

Alguns professores, não entendendo como se processa a aprendizagem dos alunos, e os distúrbios provocados por diversas origens, tendem a associar ao aluno com condutas típicas, o ato da violência.

Esse aluno é também classificado como possuindo um distúrbio de conduta ou emocional, e que geralmente sofrem prejuízos no relacionamento social.

Entende-se que estas crianças apresentem naturalmente um comportamento inapropriado, chegando a ser muito agressivo ou não participativo; gritam muito ou nada dizem, às vezes são eufóricos ou deprimidos.

Este distúrbio é encarado como uma neurose, cujos sintomas mais comuns são: a ansiedade, a irritabilidade, as fobias, a depressão e a insegurança.

As causas das condutas típicas são várias e com notoriamente, desconhecidas, não se tendo ainda uma evidência clara dos fatores que a determinam.

Segundo Kauffman (1994) fatores como a genética, por exemplo, dá a criança uma predisposição para desenvolver condutas típicas.

A educação e a freqüência à escola, podem agravar este quadro, intensificando ou precipitando este distúrbio.

Os tipos mais comuns na escola são:

- Ansioso.
- Imaturo
- Hiperativo
- Explosivo

O diagnóstico desse tipo de necessidade educativa especial deverá ser feito por com a ajuda de professores e psicólogos, cabendo a escola o encaminhamento dos alunos aos respectivos profissionais.

Diferentemente dos sintomas dos distúrbios a indisciplina pode se manifestar, nas suas formas mais elementares tornado-se uma rotina para qualquer professor. Exemplos de dois níveis de casos de indisciplina nas aulas:

- Apatia do grupo.
- Cochicho;
- Troca de mensagens e de papelinhos;
- Intervalos cada vez maiores;
- Exibicionismo;
- Perguntas feitas de forma a colocar em causa o professor, ou a desvalorizarem o conteúdo das aulas;

- Discussões freqüentes entre grupos de alunos, de modo a provocarem uma agitação geral;
- Comentários despropositados;
- Silêncios ostensivos;
- Entradas e saídas *justificadas*.
- Agressão a colegas;
- Agressão a professores;
- Roubos;
- Provocações sexuais, racistas, etc.
- Assassinatos;

Estes são alguns dos indicadores que revelam que a violência pode se apresentar de diferentes modos e comportamentos, logo é necessário que todos os segmentos sociais e escolares estejam atentos para entender os indicadores de expressão comportamental ou os indicadores expressão de agressividade para não se promover a injustiça social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho abriu a possibilidade para pensar a escola como espaço de mediação de conflitos e de convivência da diversidade cultural e social.

A partir da pesquisa ficou evidenciado que a escola deve ser um local onde cada um, daqueles que dela participam, encontrem as chances necessárias a uma capacitação digna para que possam ser realizados, seus projetos pessoais e profissionais.

A manutenção de uma boa qualidade de ensino, está intimamente ligada a esse objetivo, contudo é somente através dessa manutenção que se evita a condenação dos alunos à sérias dificuldades, futuras na vida, impedindo que seus sonhos sejam realizados.

É natural que divergências surjam no decorrer de um duradouro contato em grupo, nas comunidades humanas, assim como, também é natural, que os problemas surjam, bem como as suas soluções possam ser debatidas.

No entanto, quando são evidenciados os motivos pelos quais surgiram as divergências, e se verifica a impossibilidade de resolução dos problemas, tem-se a nítida certeza de algo de anormal acontece.

Esse conjunto de sintomas, transferidos e reforçados pelos adultos, ao serem assimilados pelas crianças, chega a alcançar proporções catastróficas, trazendo à tona de nossas relações, as piores chagas sociais representadas, de maneira bem diversificada, pela violência.

A análise dessas estruturas, que regem o funcionamento das relações, permite que, se possa tentar descobrir maneiras que minimizem as causas, e principalmente os efeitos dentro e fora da escola.

Ora, a escola, é uma extensão de nossos lares, e através das relações estabelecidas nela, se verifica o grau de insatisfação geral, vivido tanto pela escola pública, como pela escola particular. Como se poderia discutir a violência nas ruas, sem antes discutir seu surgimento na sala de aula?

Compreender a violência foi bem mais difícil que o esperado. Entender como ela se processa em nosso sistema de contato social, foi surpreendentemente assustador, por saber que velhas manias ainda então presentes, de modo mais sutil, em nossos lares.

Conceitos como ética, moral, valorização do trabalho, função social, são banalizados e desconsiderados pela família desestruturada.

A própria escola tem conhecimento de como surge a violência, suas formas de representação indisciplinar, tem a necessidade de que este quadro violento seja desfeito, mas não sabe como dar os primeiros, e essenciais passos, rumo a uma conscientização do que é importante e prioritário nas relações estabelecidas na escola .

A aplicação de novas metodologias e práticas escolares, se faz necessária, e também, o trabalho em conjunto com família, escola, e profissionais das diferentes áreas que atuam nessa relação entre o aluno e o professor.

O papel do educador institucional deve orienta-se no sentido de investigar, orientar, sugerir, discutir, e por em prática novas possibilidades, esperando que o aprendizado do aluno seja respeitado e que ele próprio, o aluno, com a ajuda de todos, consiga trilhar seus caminhos, neste constante processo de formação humana, e porque não dizer, de formação cristã.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BARRETO, V.L. et al. - *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Riviere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica.3.Petrópolis: Vozes.1992.

BOSSA, Nádía Aparecida. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas,1994.

CANDAU, Vera et al - Oficinas pedagógicas de direitos humanos. Rio de Janeiro: Vozes ,1995.

COLOMBIER, Claire. A violência nas escolas, São Paulo: Summus.1989

DIMENSTEIN, Gilberto. A epidemia da violência. São Paulo: Folha de São Paulo: 22/09/96.

FERREIRO, Emília. Alternativas para a compreensão do analfabetismo na região. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 14, n. 21, p. 70-80, jan/jun.1998.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

WHITAKER, Dulce. Violência na Escola. In Revista Idéias – n.º 21-FDE-SP-1994 Professora da Universidade Federal de Pernambuco - Doutoranda da Universidade de São Paulo.

GOLLEMAM, Daniel .Inteligência emocional. Nova York. Mackenzin. 1999.

GROPPA, Júlio Aquino. Indisciplina nas escolas, São Paulo: Summus 1996.

GUIMARÃES, Áurea Maria Guimarães, Punição e depredação, São Paulo: Papyrus, 1998,178p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas,1992.

LEVISKY, David. Léo e colaboradores. Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira: Porto Alegre. Artes Médicas.1997.



LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MORAIS, Régis de, O que é violência urbana? São Paulo: Brasiliense, 1999.

MOURA, Tânia Maria de Melo. A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro, Vygotsky. Maceió: EDUFAL. 1999.

PAIN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

PEREIRA, J.E.D.A. Formação de professores nas licenciaturas: velhos problemas, novas questões. In: IX Endipe. *Anais*. Goiânia, 1998, p.341-357.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do vínculo, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.

ROSSA, Eunice M. M. et al. Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas,1990.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar de aprendizagem. Petrópolis: Vozes.1994.

SEDUC- Secretaria de Educação do Ceará. 1998.

SHENEEWIND, W.; BION, L. e BETTELHEIM, J. Efeito dos desenhos agressivos nas crianças. Nova York: Anchor, 1988.

SILVA, Aída Monteiro. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. Rio de Janeiro: Mineo,1995.

SMOLKA, Ana Luíza. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização com processo discursivo. São Paulo: Cortez.1988.

SPÓSITO, Marília. A violência e seu papel na sociedade e na escola. Tese de Doutorado,1994

TAVARES, Maria Helena. A violência e suas representações. Rio de Janeiro: Mineo. 1998.

TORRES, Rosa Maria. Repetência escolar: falha do aluno ou falha do sistema. Revista Pedagógica Pátio, POA, ano 3, n. 11, p. 9-11, nov/jan. 1999.

WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A.2000.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

# APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO ENSINO E AVALIAÇÃO

Prezado amigo,

Realizo uma pesquisa intitulada **Violência na Escola** que servirá de subsídios para a elaboração de uma monografia para a conclusão do Curso de Especialização em Planejamento do Ensino e Avaliação. Por conseguinte, solicito a sua gentileza no sentido de responder as questões a seguir.

Não precisa se identificar porque os dados coletados serão analisados de forma geral, considerando-se somente o objeto de estudo, por via de consequência, o anonimato será resguardado.

Grata pela colaboração.

Atenciosamente,

Fernanda Alencar Moreira

## QUESTIONÁRIO

### 1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE

1.1 Grau de Escolaridade: \_\_\_\_\_

1.2 Idade: \_\_\_\_\_

1.3 Sexo: masculino ( ) feminino ( )

1.4 Estado civil; \_\_\_\_\_

1.5 Função que vivencia na escola;

Professor ( ) Aluno ( )

1.6 Série (s) que leciona ou Cursa (caso seja aluno) : \_\_\_\_\_

## 2 DADOS RELATIVOS A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

2.1 Para você, o que é violência?

---

---

---

---

2.2 Você já sofreu algum tipo de violência ?

---

---

---

---

2.3 Quem são as vítimas de violência na escola ?

---

---

---

---

2.4 Como sua família percebe a violência ?

---

---

---

---

2.5 Quem agride mais, homem ou mulher ?

---

---

---

---